

O Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): sessenta anos depois

Mario Chagas*

Recebido em: 03/08/2019
Aprovado em: 11/03/2020

* Poeta, museólogo, doutor em Ciências Sociais. Diretor do Museu da República. Professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia (Ppg-Museo) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor convidado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), em Lisboa (PT). Email: pmariosc@gmail.com.

Resumo

Em 2018, o campo museal brasileiro comemorou os sessenta anos do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus. O Museu Histórico Nacional e o Museu da República, em parceria com o Museu de Arte Moderna, a Fundação Casa de Rui Barbosa, o Museu do Índio, o Museu Imperial, o Museu Palácio Rio Negro e o Museu das Remoções organizaram dois seminários comemorativos distintos e complementares, nos quais estavam em pauta a construção de novos enfoques museológicos, museográficos, comunicacionais e educacionais. Os desafios, análises, convergências e divergências, os questionamentos radicais e as projeções para o futuro (para + 60) estiveram presentes. Entre 1958 e 2018, muitas coisas aconteceram, muitas inovações no campo dos museus, da museologia social, da educação museal, expografia, gestão de riscos, planos museológicos e políticas públicas de museus foram produzidas e implementadas. Estes e outros temas atravessam e são atravessados pelo presente texto.

Palavras-chave

Educação museal; função educacional dos museus; Museologia; museu; Museu de Arte Moderna; Seminário Regional da Unesco

Abstract

In 2018, the Brazilian museal field celebrated the 60th anniversary of the Unesco Regional Seminar on the Educational Role of Museums. The Museu Histórico Nacional, and the Museu da República, in partnership with the Museu de Arte Moderna, the Fundação Casa de Rui Barbosa, the Museu do Índio, the Museu Imperial, the Museu Palácio Rio Negro and the Museu das Remoções organized two different and complementary commemorative seminars, focused on the construction of new museological, museographic, communicational and educational approaches. Challenges, analyses, convergences and divergences, radical inquiries and projections into the future (for + 60) were present. Between 1958 e 2018, many things happened, many innovations in the fields of museums, social museology, museum education, exhibition design, risk management, museological plans and museum public policies were produced and implemented. The present text crosses and is crossed by these and other themes.

Keywords

Museum Education; educational role of museums; Museology; museum; Museu de Arte Moderna; Unesco Regional Seminar

O Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): sessenta anos depois

Um museu (...) deve ser, antes de tudo, casa de ensino, casa de educação.¹

(E. Roquette-Pinto)

I

O livro *Cronologia da República (1889-2000)*, publicado pelo Museu da República em 2002, registra no ano de 1958 cinco acontecimentos: a publicação do livro *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, de Raimundo Faoro; o surgimento da Bossa Nova; a instalação na Universidade de São Paulo (USP) do primeiro reator nuclear brasileiro; a estreia da peça *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri; e a vitória da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo, realizada na Suécia.

Em 1998, o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos publicou o livro *Feliz 1958! – o ano que não devia terminar*.² Em clara alusão ao livro *1968 – o ano que não terminou*, de Zuenir Ventura, o autor registrou que o ano de 1958 foi povoado por uma multiplicidade de acontecimentos, ainda que pouco divulgados. No inventário do jornalista, para além das cinco referências anteriores, destacam-se: o lançamento da perua DKW-Vemag, com peças produzidas no Brasil; o início do assim chamado Cinema Novo; a inauguração do Teatro Oficina; a apresentação da peça *Vento forte para papagaio subir*, de autoria de José Celso Martinez Corrêa; e a consagração de Adalgisa Colombo como miss Brasil, que, ao seu modo, balançou os concursos de beleza.

Como diz a sinopse do livro de Joaquim Ferreira dos Santos:

O Brasil embicava para a modernidade – Oscar Niemeyer traçava Brasília, o *Jornal do Brasil* realizava sua reforma gráfica –, mas convivia sem conflitos com o seu passado. Ao contrário de 1968, quando o pau quebrou e o ano não terminou, (...) 1958 foi tão harmonioso que não devia terminar nunca. (...) Nas ruas do Rio, além das novidades da indústria automobilística nacional, o charme de uma cidade que vivia os últimos dias de Capital Federal. (...) Foi o ano do bambolê, da juventude transviada, da criação das fofocas da Candinha na *Revista do Rádio*, da vitória de Maria Ester Bueno em Wimbledon, do lançamento de *Gabriela Cravo e Canela*, de Brizola encampando a ITT e do rinoceronte Cacareco elegendo-se vereador nas urnas em São Paulo. A democracia era plena, e Luiz Carlos Prestes, depois de ficar foragido por nove anos, reaparece no Noite de Gala, da TV Rio, entrevistado por Flávio Cavalcanti.³

No início de 1958, o Museu de Arte Moderna (MAM) inaugurou, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, o denominado Bloco Escola,⁴ que passaria a ser a sede do museu e viria a ter destacada importância no movimento das artes. Nesse mesmo ano o MAM teve notável presença na imprensa e realizou diversos projetos, eventos e exposições, entre os quais se destacou o Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, coordenado e organizado por Georges Henri Rivière,⁵ diretor do Conselho Internacional de Museus (Icom) e do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares de Paris.

Segundo Rivière, a realização do seminário no MAM foi possível devido à “generosidade” do conselho do museu e de “sua diretora executiva, a Sra. Niomar Muniz Sodré”,⁶ responsável também pela reunião das condições favoráveis à realização do “brilhante projeto de Eduardo Reidy,⁷ obra-prima⁸ de arquitetura contemporânea”.⁹

II

O Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus foi realizado no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna (MAM) no período de 7 a 30 de setembro de 1958, com sua preparação iniciada no ano anterior. Diferentemente dos seminários de curta duração tão em voga na atualidade, o de 1958 estendeu-se por vinte e quatro dias, envolveu viagens e visitas técnicas a diferentes museus e sítios históricos e culturais. Na cidade do Rio de Janeiro, os participantes visitaram o Museu de Arte Moderna, o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional, o Museu Casa de Rui Barbosa, o Museu do Banco do Brasil e o Museu do Índio; em Petrópolis, o Museu Imperial; em São Paulo, o Museu de Arte de São Paulo, o Museu de Arte Moderna, a Fundação Álvares Penteado, o Museu Paulista, o Instituto Butantan e a Casa do Bandeirante; em Ouro Preto, o Museu da Inconfidência; e em Sabará, o Museu do Ouro.

Um dos principais objetivos do seminário era, por meio do intercâmbio e da valorização profissional, contribuir para o desenvolvimento dos museus e estimular os seus programas e setores educativos.

Dois outros seminários, denominados internacionais, abordando o mesmo tema foram organizados pela Unesco: o primeiro no Brooklyn, em Nova York, nos Estados Unidos da América, em 1952, e o segundo em Atenas, na Grécia, em 1954. Duas observações neste ponto merecem destaque:

O investimento que a Unesco realizou após a Segunda Guerra Mundial, na década de 1950, no aprofundamento dos estudos, teorias e práticas sobre museus e educação é a primeira. Esse investimento se revela, por exemplo, nos trabalhos de preparação e realização de pelo menos três seminários, na valorização dos intercâmbios e experiências concretas na produção, publicação e disponibilização de bibliografia especializada,¹⁰ bem como na circulação de especialistas e concessão de bolsas de estudo.

A segunda é o caráter discursivo e colonialista do Icom/Unesco, que, à época, insistia em atribuir uma dimensão internacional a um seminário realizado nos EUA e outro na Grécia e uma dimensão regional a um seminário realizado no Brasil, ainda que este último contasse com ampla participação internacional. O seminário projetado pela Unesco para ser realizado em Tóquio, no Japão, em 1960, também seria chamado de regional. As expressões “regional” e “internacional” não são neutras, não são ingênuas; ao contrário, por elas circulam vontades e desejos políticos; tanto podem servir para libertar e esclarecer, quanto para aprisionar e confundir.

No que se refere ao primeiro comentário, importa registrar que, além das publicações internacionais produzidas e distribuídas pela Unesco, houve também, na década de 1950, o estímulo a pesquisas e publicações brasileiras:¹¹ *Recursos educativos de museus brasileiros*, de Guy José Paulo de Hollanda;¹² *Museu e educação*, de F. dos Santos Trigueiros;¹³ e *Museu ideal*, de Regina Monteiro Real.¹⁴

Em relação ao segundo comentário, vale lembrar que vinte e quatro países foram convidados para participar do seminário de 1958, entre os quais dez enviaram representantes – Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Equador, Estados Unidos, França, México, Países Baixos e Paraguai – e catorze não se fizeram representar – Bolívia, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Reino Unido, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.¹⁵

III

No dia 30 de julho de 1958, o *Correio da Manhã* publicou a seguinte nota:

A Unesco e o Ibec assinaram contrato para a realização de um seminário de museus a ser realizado nesta capital, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Os leitores devem estar lembrados que, tratando desse assunto e outros, tivemos a visita, ano passado, do sr. Van der Haagen.¹⁶

Como se pode observar, a preparação do seminário teve início em 1957 e contou com a colaboração de organizações nacionais e internacionais, entre as quais destacam-se: a Divisão de Museus e Monumentos da Unesco, representada por J. K. van der

Haagen; o Centro Regional da Unesco no Hemisfério Ocidental, representado por Rafaela Chacón Nardi (1926-2001);¹⁷ a Comissão Nacional do Brasil para a Unesco/Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibecc), representado e presidido por Themístocles Brandão Calvalcanti (1899-1980);¹⁸ e a Organização Nacional do Conselho Internacional de Museus (Onicom), representada e presidida por Heloísa Alberto Torres (1895-1977),¹⁹ que, aliás, foi diretora de honra do seminário.

A imaginação museal de Heloísa Alberto Torres e sua atuação no campo dos museus e do patrimônio, especialmente a partir da década de 1930, foram notáveis e precisam ser mais bem estudadas. Fazem parte de sua biografia profissional: a direção do Museu Nacional, a presidência do Conselho Nacional de Proteção ao Índio, a publicação do primeiro *Guia de museus do Brasil*, a atuação como membro nato do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), a participação na história da criação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a direção do I Congresso Nacional de Museus, realizado em Ouro Preto, em 1956, e a presidência da Onicom.

IV

O público do seminário dividiu-se basicamente em quatro grupos: dirigentes designados pela Unesco, dirigentes nomeados pelo Brasil, participantes e observadores brasileiros.

Entre os dirigentes designados pela Unesco encontravam-se: Raymonde Frin,²⁰ Hiroshi Daifuku,²¹ Rafaela Chacón Nardi,²² Georges Henri Rivière,²³ José Maria Cruxent²⁴ e Mario Vasquez Rubalcava.²⁵

Entre os dirigentes nomeados pelo Brasil estavam: Heloísa Alberto Torres,²⁶ Vera Sauer,²⁷ Niomar Muniz Sodré,²⁸ Grace L. McCann Morley,²⁹ Lygia Martins Costa,³⁰ Regina Monteiro Real,³¹ Mathilde Pereira de Souza³² e Alfredo Theodore Rusins.³³

Entre os participantes encontravam-se um ou dois representantes de cada um dos dez países anteriormente citados. Em virtude da ausência de alguns representantes estrangeiros, o Brasil pôde indicar quatro: Carlos Flexa Ribeiro,³⁴ Guy de Hollanda,³⁵ Newton Dias dos Santos³⁶ e Peter Paul Hilbert.³⁷

No total, foram vinte e dois observadores brasileiros, sendo vinte da cidade do Rio de Janeiro (RJ) e dois de Curitiba (PR). Por mais extenso que isso seja, é importante nomeá-los na sequência em que seus nomes aparecem no relatório final: Maria Lúcia Barreto,³⁸ Clóvis Bornay,³⁹ Nair de Carvalho,⁴⁰ Ecylla Castanheira Brandão,⁴¹ Octavia

Correa dos Santos Oliveira,⁴² Jenny Dreyfus,⁴³ Marília Duarte Nunes,⁴⁴ Colina Engerson,⁴⁵ José Lacerda de Araújo Feio,⁴⁶ Solon Leontsinis,⁴⁷ Regina Liberalli Laemert,⁴⁸ Yolanda Marcondes,⁴⁹ Gilda Marina de Almeida Lopes,⁵⁰ Paulo de Miranda Ribeiro,⁵¹ Paulo Olinto,⁵² Silvia Pereira Bittencourt,⁵³ Geraldo Pitaguary,⁵⁴ Sigrid Porto de Barros,⁵⁵ Carmen C. de Quadros,⁵⁶ Elza Ramos Peixoto,⁵⁷ Alfredo Teodoro Rusins,⁵⁸ F. dos Santos Trigueiros⁵⁹ e Lina Stilben.⁶⁰

Neste ponto cabem, em relação ao público, bastante restrito e controlado, alguns comentários:

1. A presença feminina foi notável em todo o seminário, tanto entre os dirigentes indicados pela Unesco e pelo Brasil, quanto entre os participantes e os observadores, segmento no qual foi superior a 65%.

2. No que se refere aos participantes brasileiros, vale registrar que, mesmo tendo uma predominância feminina nos museus, os indicados (quatro) foram todos homens.

3. A presença de professores e profissionais oriundos do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional com participação ativa no seminário também é notável. Já naquela ocasião a museologia brasileira marcava posição e afirmava o seu território de atuação.

4. O nome de Gustavo Barroso é uma ausência claramente percebida, ainda que alguns profissionais do Museu Histórico Nacional tenham participado do seminário. É razoável levar em conta que, a partir do MHN e do Curso de Museus, Barroso desenvolveu durante as décadas de 1920, 1930 e 1940 um papel de alta influência no campo museal e museológico. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, especialmente depois da criação do Conselho Internacional de Museus e dos museus de Arte Moderna no Brasil, a tradição da museologia barroseana foi gradualmente perdendo força e capacidade de representar a museologia brasileira.

V

O seminário de 1958 não foi um campo tranquilo. Ao contrário, lutas e disputas estiveram em cena. Diferentes visões de mundo e diferentes perspectivas profissionais foram acionadas. O enfrentamento entre gerações e o embate entre o pensamento museal hegemônico de origem europeia e outras tendências que buscavam se afirmar, levando em conta as experiências nacionais, também estiveram presentes. No caso brasileiro, a disputa entre o pensamento museológico barroseano e as novas formas de pensar e praticar a museologia que vinham se afirmando, especialmente a partir das novas gerações, também

era presente e sensível. Segundo o relatório final de Henri Rivière, “houve divergências, às vezes agudas, entre os educadores e os funcionários dos museus”.⁶¹

A imprensa carioca, especialmente o periódico *Correio da Manhã*, por intermédio do jornalista Jaime Maurício, fez uma cobertura especial do seminário e da presença dos representantes do Icom e da Unesco no Brasil. Georges Henri Rivière participou de jantares, recebeu homenagens, teve sua presença registrada na imprensa e transitou na nata da burguesia carioca.

Acompanhar os artigos de Jaime Maurício, dia após dia, no ano de 1958 constitui uma especial aventura. Ele atuou como crítico de arte, de exposições e de museus. Dedicou-se, seja por gosto ou por mando, mas sempre com qualidade, ao registro da atuação cultural do Museu de Arte Moderna. A cobertura que fez do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus foi singular e especial, e merece estudo dedicado. De qualquer modo, vale registrar que Niomar Muniz Sodré Bittencourt, diretora executiva do MAM, era casada, como já foi indicado, com Paulo Bittencourt, dono do *Correio da Manhã*, e a influência dela no referido periódico, como se sabe, não era pequena.

Com o objetivo de contribuir para futuros estudos, eu gostaria de disponibilizar para os leitores três artigos, importantes testemunhos sobre o seminário, que levam a assinatura de Jaime Maurício:

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

— JAIME MAURÍCIO —

Brasileiros em francês) agitam o Seminário

A verdade é que andava tudo muito tranquilo nessas reuniões diárias dos professores, técnicos e conservadores de museus, tranquilos demais. Informações, relatórios, propostas e a coisa se arrastava com seriedade, mas um tanto pesadamente simoneta M. Rivière quebrava a monotonia com seus reparos cheios de verve, de double sens. Aí que Carlos Flexa Ribeiro entrou em cena, desabando sobre os seminários com as ideias que orientam o Museu de Arte Moderna do Rio e que constituem os fundamentos da futura Escola de Criação. Houve então um certo resacar de comunicação visual, semântica visual, haubans, arte e indústria, desenho industrial, condições econômicas e sociais e arte — palavras estranhas! Reparos rápidos, aplausos, perguntinhas, suspensas: Não havia dúvida, o Seminário grande "só" do Seminário fera de Flexa Ribeiro e do Museu.

Terça-feira a sessão correu normal, com ritmo comum, brilhando a intérprete Elvira Vez pela fluidez, elegância e síntese das suas versões não taquigrafadas. Ela teve longos, enfeitados discursos, em francês, sem tomar notas, depois levantou-se, abriu os cabelos e foi para a assistência: "o senhor fulano quis dizer que..." e ali tudo curto, limpo, certo, sem perda de substância. Notável a miopia.

E assim marchava o Seminário até que, ontem, novamente Carlos Flexa Ribeiro voltou à cena, não mais para promover outro sólo, mas para promover um definitivo fandangio com D. Maria Barreto, D. Regina Real e monseigneur Rivière. Não conhecíamos essa terrível capacidade de agitação de Flexa Ribeiro. Está ótimo. Simceridade, certa irreverência e vontade de ver tudo claro, sem flandres nem "patriotas". Falando em francês, disse que não faria um rapport, mas um "compte" sobre os museus de arte no Brasil. Repetiu-se ao século XIX quando se começou a organizar museus, retardamento que, do ponto de vista artístico, fora cheio de consequências. Todo mundo sabia que no século 19 começara a se caracterizar uma ruptura com a tradição. Lançou a importância do barroco através dos portugueses, a missão francesa de 1818, a transformação do gótico, e afirmou que os museus de arte formados naquela ocasião refletiam de um lado a crise da arte e de outro, aspectos os mais pobres, devido as condições do declínio do academinismo e tudo o que o século vinte já não suporta. E disse que o valor histórico desta arte fôra maior que sua importância na educação do gosto artístico do povo. Nessa ocasião alguns assentos se agitaram, peçoços se alongaram e umas dez senhoras ficaram em um ângulo reto). Havia no momento atual disse apenas duas classes de museus de arte no Brasil: os museus novos ou renovados e os museus que precisavam ser renovados. O Brasil se aproximava da renovação dos seus museus antiquários, seja do ponto de vista material, seja do ponto de vista pessoal.

E começou a falar nos falsos Velasquez, falsos Rubens, falsos Timoteicos, etc. (Nessa altura as cadeiras se arrastavam, e dez senhoras iam do ângulo agudo ao ângulo obtuso, num arfar amagado, e monseigneur Rivière em pânico).

Continuou o professor a tratar dos museus, principalmente do Museu de Arte de São Paulo, seu acervo, cursos, exposições no estrangeiro e no Rio, onde, teria escrito Bardi: "Pour la première fois de véritables chefs d'oeuvre ont franchi les portes du Musée National des Beaux Arts" (Tremor e indignação em parte da assistência, vibração notória). Fez então a seguinte observação: Museu de Arte Moderna de São Paulo, criador das Bienais, que crescem cada vez mais, suas conferências, cursos, a grande efeméride criada, etc. Por fim falou do Museu de Arte Moderna do Rio, sem abordar o projeto do contêiner que já foi tratado anteriormente. Falou dos cursos do museu, ateliê, livre pintura de crianças, mostras no estrangeiro, obras publicadas, catálogos, imprensa, festival de filmes de arte, festival de cinema americano, etc.

Concluiu com otimismo sobre os novos museus que crescem por toda a parte, quase como a moda feminina, o que não era muito apreciado, pois os brasileiros escavam mais interessados na qualidade dos museus do que na quantidade. E foi o diálogo da iniciativa privada que se mostrava capaz, no Brasil, de grandes realizações sobretudo nestes últimos anos.

Mai o orador sentiu D. Regina Real levantar, rápida, pimenta entre muitas, vencendo a afézia, D. Regina, na verdade estava indignada. Pediu a palavra, M. Rivière então fez a estranha recomendação:

— Nada de ataques pessoais, porque...

— Perdão, sr. presidente, até agora não houve aqui nenhum ataque pessoal, mas formulação de problemas museológicos do ponto de vista histórico e científico. Não chego a saber como chegou à sua cabeça a ideia de estar havendo ataques pessoais.

Era Flexa Ribeiro quem falava. Claro, enérgico e algo irônico. M. Rivière se embarcou, recua, a plateia ri e D. Regina insistiu. M. Rivière volta a considerações: não queria discussões de ordem estético entre os delegados brasileiros. D. Regina falou enfim, pedindo, antes de tudo, retificação do que dissera Flexa Ribeiro: os museus não existiam no século XIX, mas a partir de data recente. O que existia era uma planície da Escola de Belas-Artes, etc. Flexa Ribeiro admite estar de pleno acordo com a argumentação da sua colega Regina Real que era de perfil ao aspecto legalista. Dona Regina não gosta do termo, protesta, e Dona Maria Barreto não se contém: dá o seu aparte. Monseigneur Rivière fez então, prosaica campanha, o martelo, qualquer coisa — mas não achava movimento-se muito na cadeira e fala:

— Se os senhores estagiários não obedecerem a disciplina de apartes e continuarem a discutir assim sem mais nem menos...

VOLTA À NATUREZA?



A ara Emiliano Di Cavalcanti visitou ontem a exposição Oliveira no Museu de Arte Moderna do Rio e ficou encantado, como ali disse, com o figurativo do desenho Industrial Oliveira (ela não muito abstracionista). Já se vê, e adora a pintura do seu marido, o pintor Di Cavalcanti. E apoiada no texto de Pietro Maria Bardi, que apresenta a mostra, provou a ara Di Cavalcanti a semelhança de uma peça (na foto) com a mais simpática clavicula. E repetiu Bardi: "De cada vez, meu caro, a volta à natureza".

...mas, me avisem para eu dar um passeio, até o fim da discussão. Faltou na assistência. Esta, beicada a ordem. Com a palavra Dona Regina Real que volta a fazer a defesa das coleções do Museu Nacional de Belas-Artes, em termos agulhivados, da competência dos conservadores, de Visconti, de Olinda Fontes que teria sido chamado pelos franceses o "Courtet brasileiro", etc. Dona Regina a falou emocionada fazendo a defesa de tudo que tem constituído a sua vida de profissional de museus.

Flexa Ribeiro esclarece que ao falar na decência do academinismo do século XIX não estava se referindo aos brasileiros mas à arte de todo o mundo. Tinha em mente boa conta os bons pintores brasileiros. Sua crítica era contra a impetração da arte acadêmica europeia, naquela época em seus últimos estertores.

A discussão a forte, lida em francês, com a tráfudria mal podendo verter para o espanhol a vênencia dos vocábulos. Pálido agudíssimo, risibundo, encançado.

Por fim Dona Maria Barreto tomou a palavra. Estava empolgada, notava-se, mas contida, embora um tanto arfante. Rio fino e sutil, fez uma longa fala para apoiar a sua colega conservadora. Invocou, depois, as grandes dificuldades da compra de obras de arte no Brasil, do trabalho constante do Museu Nacional de Belas-Artes, onde é conservadora. Fez então reparos sobre malheores, sorridentes, quase à Marivaux, e sentença, radiante. Nossa cara amiga Maria Barreto estava impossível. Levou dez "pontos" de M. Rivière e um "casaligo" para apresentar com a maior urgência um projeto que recebesse do governo brasileiro...

maiores facilidades para a compra de obras de arte. Sullistimé, protesta, lamentando não poder fazer o trabalho com urgência, pois no momento — e aí Dona Maria chega ao auxilio da ironia — estava organizada uma importante exposição de uma importante exposição sobre Rembrandt, no Museu de Belas-Artes, na qual esperava — e fez graças inclinadas — ver o Ilustre professor Flexa Ribeiro... Este calmo e fustamente, assistindo à resenha das conservadoras, respondeu com assentimento de cabeça.

Nessa altura o pobre monseigneur Rivière já estava desesperado. E quando pensava haver encerrado tudo, levantou-se e viu o Ilustre monseigneur Malvaux e apanhou a discussão que "provava haver também no Brasil um grande interesse por arte."

E encerrando a movimentada cena brasileira em francês, Flexa Ribeiro acena cavalheirescamente com um gesto de cabeça para suas verementes oposições: tudo ali era discussão brasileira, tudo levantado e visto pelos senhores espanhóis. Amava ao sr. Oswaldo Teixeira, diretor do Museu de Belas-Artes, embora não amasse sua pintura) a Dona Maria Barreto, a Dona Regina Real, a todos seus colegas. Pediu perdão por haver assediado monseigneur Rivière e da vaga o assunto por encerrado. E deixou a mesa recebendo uma suave menci de Dona Maria Barreto...

MOSTRA DIDÁTICA: REMBRANDT

Mais uma iniciativa da Divisão de Educação Extra-Escolar está sendo apresentada ao público: a mostra inaugural da mostra intitulada "A vida e a obra de Rembrandt", organizada em combinação com a Embaixada dos Países Baixos no Brasil, o IBECC e o Instituto Brasil-Holandês. O objetivo fundamental da exposição é estimular na juventude o gosto pelas artes plásticas. A exposição percorrerá os Estados e Territórios Federais, através de um programa conjunto da Divisão e as Secretarias de Educação e Cultura.

Além dos painéis que apresentam alguns dos trabalhos mais famosos do artista holandês, a mostra inclui vários documentários, dos quais sobressai o realizado pelo cineasta Bert Haanstra, intitulado "Rembrandt, o pintor e o homem", com a duração aproximada de vinte e cinco minutos e com legendas em diversas línguas. A iniciativa deste plano de divulgação do grande pintor foi do Instituto Holandês de Relações Culturais Internacionais.

O programa de apresentação da mostra foi iniciado quinta-feira no salão da Escola Nacional de Belas Artes, à rua Araújo Porto Alegre, em sessão que foi presidida pelo ministro Clóvis Salgado, com a presença do embaixador dos Países Baixos, do adido cultural holandês, do diretor da ENBA, e do prof. José Salvador Julimelli, que falou sobre o significado do plano.

Após período de cerca de um mês, a exposição iniciará seu programa de excursão pelos Estados e Territórios Federais, sendo que uma unidade já foi enviada para o grande sucesso, o Paraná, onde o número de visitantes foi dos maiores, principalmente, estudantes.

O BARÃO STUKART E O RESTAURANTE DO MAM



O barão Max Stukart, cujo afastamento do Rio resultou num prejuízo para o nosso precário turismo, visitou o Museu de Arte Moderna do Rio, do qual é velho amigo, a fim de apreciar o desenvolvimento das obras e observar as condições de instalação e funcionamento do restaurante da instituição, no terrace, e da cantina do andar térreo. Em sua companhia, o diplomata Laura de Barros Heiler e sra. Irene Guinle (na foto), que também percorreram com a sra. Níomar Mont Sodré todas as dependências do Museu. Como os leitores já devem saber, a grande sala de exposições, recentemente se realizou exposições, é destinada a um restaurante de categoria, cuja instalação foi objeto de estudos especializados. E acrescento: segundo uma norma antiga e constante, a diretoria do Museu, e o arquiteto Afonso E. Reidy, no que diz respeito a construção da obra, determinam estudos acurados de todos os setores, buscando o conceito, a crítica de personalidades especializadas. As observações do barão Max Stukart, sua troca de ideias com o arquiteto e a diretora-executiva foram de grande interesse para o futuro restaurante do Museu, situado no mais belo ponto central de cidade, com possibilidades de se fazer a grande obra de encontro do mundo cultural, comercial, industrial, político e bancário da cidade.

Correio da Manhã, 12 set. 1958. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=1958.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAIME MAURÍCIO

TÉCNICOS DISCUTEM:

Arquitetura de Museus e o Museu de Arte Moderna

O arquiteto Affonso E. Reidy explica ao Seminário de Museus o programa e o partido tomado no projeto do Museu de Arte Moderna do Rio — Problema de paisagem e estruturas — Flexibilidade de espaços, paisagem natural — Iluminação interna e das obras — A divisão do edifício em três partes

Proseguem em ritmo intenso os trabalhos do Seminário Latino-Americano de Museus. Os participantes chegam ao Museu de Arte Moderna do Rio às 8.30 da manhã e permanecem até às 13.00 horas em discussões, relatórios, polémicas, projeções, num trabalho bem orientado para estudo detido e objetivo do papel dos museus na educação. Hoje deverão embarcar para São Paulo, onde serão hóspedes do Museu Arte, visitando todos os estabelecimentos museológicos da Paulicéia. Regresso na segunda-feira para continuação dos trabalhos.

A sessão de ontem foi das mais interessantes. Tratou-se inicialmente dos problemas da arquitetura de museus, um tema fascinante e já se vê, não só pela grande soma de equívocos dos museus tro-

dos das Américas (e da Europa também), mas sobretudo pelas novas idéias que atingem atualmente a moderna museologia, dependentes em grande parte da arquitetura. Havia ainda o fato das discussões se processarem no ambiente de um dos museus mais usados e renovadores do mundo, com um programa de atividades inteiramente "autogênicas". A respeito das discussões, aguardamos a autorização de Monsieur Rivière, diretor dos trabalhos, para divulgação. Hoje damos apenas a visita dos seminaristas, que foi orientada pelo autor do projeto do Museu, arquiteto Affonso E. Reidy.

Presenças encontravam-se também a sra. Niomar Moniz Sodré, professor Carlos Flexa Ribeiro, embaixatriz da França, sra. Bernard Hurdton, o príncipe Jean-Louis de Faucigny-Lucinge e o escritor Alfred F. Bre-Luce.

Situação urbanística

Reidy começou explicando a situação paisagística e urbanística da obra, construída numa área conquistada ao mar, em meio a um grande parque público, cercado de vegetação, com pistas para o tráfego, em pleno coração da cidade, dispondo, portanto, da melhor acessibilidade que se poderia desejar. E a espetacular vista sobre a Guanabara. Lembrou que o local influenciara grandemente o seu projeto: além de buscar incorporar o edifício ao ambiente físico, tivera a preocupação constante de evitar que o mesmo viesse a perturbar a paisagística local, verdadeiramente deslumbrante. Daí nasceu o predomínio da linha horizontal e o emprêgo de uma estrutura extremamente variada e transparente, permitindo a continuação dos jardins até o mar.

FLEXIBILIDADE DE ESPAÇOS

Em seguida o arquiteto entrou na parte mais técnica, mais museográfica, por assim dizer, do projeto. Lembrou a ação dinâmica da instituição que abrange as mais variadas técnicas das artes visuais, determinando a utilização de uma estrutura arquitetural que proporcionasse o máximo de flexibilidade na utilização dos espaços. Isso possibilitaria o uso de grandes áreas ou a formação de pequenas salas onde determinadas obras poderiam ser contempladas em ambiente íntimo.

Foram deixadas de lado as soluções habituais, em que os objetos são expostos em monótona clausura. Procurou alcançar um espaço fluente, com um sentido de continuidade: paredes externas substituídas por grandes superfícies de vidro, painéis leves e móveis em lugar de muros fixos.

REPOUSO INTELLECTUAL E PAISAGEM

Em seguida o grande arquiteto do Pedregulho desenvolveu uma tese que por certo sacudiu um pouco certas convicções dos seminaristas, principalmente os demais tradicionalistas: o argumento de que uma galeria de arte deve ficar em ambiente fechado, para permitir maior concentração, para ele, Reidy, tinha fundamentos demasiado frágeis. Ao contrário, era de opinião que a capacidade de atenção do visitante de uma galeria de arte cairia rapidamente se não lhe fossem oferecidas condições de repouso intelectual que levassem a acuidade do seu interesse. A variedade dos espaços e contato com a natureza atuariam como neutralizadores do cansaço.

Quem tem hábito de percorrer museus, como o colunista, sabe muito bem como é certa, certíssima, essa tese do arquiteto Reidy, raramente aplicada nos museus, mesmo os europeus. A fadiga de museus é, aliás, assunto amplamente discutido e nunca resolvido, principalmente com premência de tempo.

Problemas de iluminação

Falando sobre o grave problema da iluminação de museus, disse o arquiteto que a iluminação natural confere um sentido de vida e movimento aos espaços, beneficiando as obras dos valores da luz diurna. A iluminação artificial é também indispensável, não só para a noite, mas para exposição de certos objetos que se prejudicam com a luz solar. Houvera muito cuidado no planejamento da qualidade da iluminação, pois se a luz incandescente era rica em raios vermelhos e alaranjados, que modificam o aspecto de certas cores, a luz fluorescente provocava também a sensação de frieza, alterando igualmente o efeito pictórico. A combinação de ambas,

porém, permitia uma grande aproximação com o efeito da luz solar. Para o Museu de Arte Moderna do Rio fora estudado um sistema de luz flexível: o teto da galeria de exposições seria guardado com placas translúcidas de um plástico de "vinyl", as quais difundiriam a luz emitida por tubos fluorescentes, proporcionando ao ambiente uma iluminação suave, enquanto que focos de luz incandescente iluminariam diretamente o objeto ou quadro. Dessa fusão de dois tipos de iluminação, com a luz natural controlada, nasceriam condições de iluminação ideais.

Essa parte de iluminação despertou interesse especial. Sabemos muito bem das dificuldades da boa luz, da luz certa, sobre uma obra de arte. Geralmente é descurado esse problema, resultando em grave prejuízo.



Dois aspectos da visita dos técnicos do Seminário Latino-Americano de Museus, ao Museu de Arte Moderna do Rio, sob a orientação do arquiteto Affonso E. Reidy

Três blocos unidos

A superfície construída do Museu, informa Reidy, é de 36.000 m² e seu custo aproximado seria de US\$ 8.500.000. Fora planejado em três blocos focalizando cada um os três ramos do Museu: a Escola (onde atualmente funciona a instituição), a Galeria de Exposições (já nas estruturas) e o Teatro (apenas com as fundações).

O bloco da Escola de Criação

com um subsolo onde ficarão situados os depósitos de esculturas, oficinas de carpintaria, pintura, salas de máquinas, ficarão as salas das aulas e "ateliers", locais para descarga, identificação e catalogação das obras, preparo das exposições, laboratório fotográfico, tipografia e cantina dos estudantes. No segundo pavimento (terraço) ficarão o bar, restaurante e jardins, onde serão realizadas exposições de escultura ao ar livre.

GALERIAS E TEATRO

Tratou em seguida da segunda unidade do Museu, onde ficarão as galerias, a biblioteca, sala de leitura, discoteca, pequeno auditório de 200 lugares (conferências, experiências, seleção, etc.), o setor administrativo, cinemateca, arquivos de filmes, fotografias, etc.

A terceira unidade era constituída pelo teatro de 1.100 lugares, dotado de características as mais modernas com equipamento atualizadíssimo: palco flexível para espetáculos diversos: teatro dramático, concertos musicais, dança, etc. O urdimento do palco será movimentado eletricamente e situado no mesmo nível ficarão a sala do contraregra, os comandos elétrico-acústico, cabinas de rádio e televisão. Na parte lateral: amplos camarins individuais e coletivos, salas de maquiagem, de cenografia e ensaio, depósito, guarda-roupa, etc. Os espectadores terão um grande hall, um amplo foyer e o terraço e jardins.

Todos esses três blocos funcionam com independência, mas são todos intimamente ligados entre si, com uma única administração. Reidy falou ainda dos jardins de Roberto Burle Marx, que conferem ao lado paisagístico e urbanístico do local uma grande beleza, mantendo ainda unidade do Museu.

A visita ao setor arquitetônico do Museu de Arte Moderna do Rio, não só pelo seu lado renovador, mas também pelo fato de ter sido feita sobre a melhor orientação, a do arquiteto que o projetou, e pela sua grande objetividade, se transformou num dos acontecimentos mais interessantes do Seminário.

O Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): sessenta anos depois

Correio da Manhã, 19 set. 1958. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=1958.

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAIME MAURÍCIO

Encerramento do Seminário: algumas conclusões

Seminário Latino-Americano de Museus, que há cerca de um mês vinha desenvolvendo intensa atividade no Museu de Arte Moderna do Rio, a fim de melhor esclarecer e renovar a ação do museu no plano da pedagogia, da educação em geral, encerrou-se ontem, às 18 horas, no auditório do Ministério da Educação e Cultura através de uma cerimônia presidida pelo ministro Clóvis Salgado, com a presença (na mesa) do sr. Jean Thomas, vice-diretor-geral da UNESCO, do professor George Henri Riviere, delegado da UNESCO que dirigiu os trabalhos, Heitor Alberto Torres, diretora da Organização Nacional do ICOM e do professor Theonistocles Cavalcanti, presidente do IBCEC. Presentes ainda todos os

A APRESENTAÇÃO

A apresentação é o meio específico à disposição do museu para valorizar a presença desses testemunhos. O museu entretanto, não pode realizar integralmente essa valorização sem recorrer, em casos que variam segundo as circunstâncias, aos meios considerados auxiliares, outras formas de difusão, como a linguagem a imagem fixa ou escrita, o cinema, o rádio, a televisão, a imprensa. Uma apresentação que corresponda a esses princípios será de inestimável valia para a educação.

O seminário concluiu que o nível intelectual da apresentação pode variar de acordo com os tipos de apresentação. Um nível elevado deve ser sempre tentado. A apresentação deve ser proposta, nunca imposta, e o conservador concretizará esse objetivo se contar com a ajuda de um museólogo competente e as autoridades qualificadas fornecerem os meios necessários.

ATIVIDADES EDUCATIVAS

Nenhum tipo clássico de atividades educativas do museu deve ser negligenciado. É essencial desenvolver ao máximo compatível com a ordem a participação bem pensada do público. É importante a visita guiada, principalmente se for auxiliada por meios especiais, como o cinema por exemplo. Atenção especial ser dada a formas novas de atividades, como as excursões e os clubes, que abrem à educação as mais amplas perspectivas.

PUBLICAÇÕES

É necessário dar aos museus todos os meios necessários para realização e difusão de suas publicações educativas. Entre elas, deve-se dar uma atenção especial àquelas que, estimulando

delegados da UNESCO, das nações latino-americanas, museólogos, críticos e artistas. Falou o ministro da Educação, falaram todos os presentes à mesa: palavras de satisfação, de congratulações pelo êxito do Seminário. E o voto unânime para que os resultados do trabalho tivessem ampla acolhida entre os países latino-americanos.

Os seminaristas ainda não concluíram totalmente o relatório a ser apresentado. Entretanto, podemos adiantar de forma sintética e possivelmente incompleta uma parte das recomendações a serem feitas à UNESCO e, conseqüentemente, às nações Latino-Americanas.

ao som, dentro das limitações do gênero. Considerando as circunstâncias locais, sua aplicação se recomenda para a América Latina.

TELEVISÃO

Considerando o desenvolvimento acelerado na maioria dos países do mundo, a televisão pode ser um poderoso instrumento de educação, que muito interessa aos museus da América Latina, que se esforçarão: a) por ocupar um lugar nas rubricas dos programas de atualizações, cultura e televisões escolares; b) por conseguir a criação de rubricas reservadas especialmente para eles, desenvolvendo programas específicos.

Conviria que essa ação não se fizesse exclusivamente em cadeias especializadas, mas ainda no quadro das emissões mais espetaculares e atraentes por serem as mais apreciadas. Muitas possibilidades se oferecem para uma cooperação estreita entre a televisão e os museus, respeitadas as preocupações de cada uma das partes.

COMUNIDADE DE MUSEUS

Não obstante as categorias diferentes — museus de arte e artes aplicadas, museus arqueológicos e de história, museus de etnologia e de folclore, museus de ciências naturais, museus científicos e técnicos, etc. — os museus possuem em geral a mesma característica: os mesmos interesses e métodos, cabendo-lhes, fundamentalmente e em benefício coletivo da sociedade, uma missão de estudo, de conservação e de valorização dos bens culturais.

Essa missão dos museus seria favorecida se em todos os países latino-americanos e outros em que fosse necessária, se criassem entre os museus um sistema comum de administração

CURSOS

O Seminário, considerando que não existe na América Latina uma verdadeira escola de museólogos e técnicos, o que os cursos de museus são muito poucos, concluiu: 1) que nos países desta região do mundo onde os museus estão pouco desenvolvidos, seja instituída uma verdadeira escola de museus, tendo ou não ensino científico especializado, fazendo dispensável o ensino museológico especializado, mas com ensinamentos práticos em coordenação com os grandes museus especializados; 2) que os diplomados ministrados por essas escolas devam ter direito a inscrição em uma lista de aplicação, elaborada por peritos qualificados, a fim de garantir direitos a qualquer nomeação no posto de conservador de museologia ou educador de museus; 3) que se organizem em cada um dos outros países da América Latina cursos de museus, cujos diplomados teriam tratamento preferencial; 4) que no que concerne ao aperfeiçoamento da profissão de museus, organizem-se estágios coletivos ou individuais com os meios proporcionados pelas circunstâncias; 5) que se encontra os meios de favorecer a organização de sessões e cursos e dê-se cursos e de permitir aos aspirantes a conservadores ou museólogos seguir cursos de aperfeiçoamento no estrangeiro; 6) que se deve solicitar as autoridades responsáveis dos países da América Latina que cuidem especialmente desses sérios problemas de ensino, que são: a) qualificação e o aperfeiçoamento da profissão de museus e a elevação do nível profissional dos museólogos

GUIMARÃES ROSA E O SEMINÁRIO DE MUSEUS

Os dirigentes e estagiários do Seminário Latino-Americano de Museus foram homenageados pelo ministro das Relações Exteriores com um almoço realizado segunda-feira última no Itamaraty. Reunião cordial e inteligente, foi presidida por um expoente da cultura e sensibilidade brasileira — o embaixador Guimarães Rosa, representando o ministro Negrão de Lima, na qualidade de chefe do Departamento Político e Cultural daquele ministério. E a presença do grande romancista assegurou desde logo o "clima" espiritual para uma reunião de tal natureza, o seu improviso arrebatou tudo com rara felicidade: nele se consubstanciaram o erudito que volta com gravidade a sua atenção para os museus e o admirável espírito criador do romancista atento, como devem estar os museus, aos processos renovadores. O romancista, cuja memória é famosa, reconstituiu o seu improviso, com exclusividade para o Itinerário, e é com muita alegria que o publicamos abaixo:

"Nada mais grato, nada mais simpático, que em nome do ministro de Estado das Relações Exteriores, receber e saudar os participantes do Seminário Latino-Americano sobre "Museus e Educação", organizado pelo UNESCO, e o IBCEC, plenamente apoiado pelo Ministério da Educação do Brasil, e hospedado pelo nosso Museu de Arte Moderna. Ao Itamaraty, esse empreendimento se afeiçoou como de todo aprêgo e interesse.

Seminaristas — museólogos e educadores, — felizmente reunidos no Rio de Janeiro, nestes dias, realizando trabalho de alto nível e resultados deveras eficazes, à luz da real conciliação, dinâmica e dialética, do MUSEU: um núcleo vivo, oficina ativa, centro de estudos, laboratório, escola.

Alegro-nos, aos brasileiros, vossa presença sória e entusiasmada. Alegro-me, particularmente, que, em intervalo das sessões, fenhais podido ir ver o coração verdadeiro do Brasil, e seu museu maior, as belas cidades coloniais do Estado de Minas Gerais, com suas resguardáveis igrejas, com o Mestre Aleijadinho: as obras do

homem sem mãos, levantadas por dura arte e fé autênticas. Alegro-nos, ainda, saberes que aquelas reliquias, no mapa geográfico do país, situam-se a meia distância entre duas realizações de hoje, de significado vivíssimo: além, nos planaltos, no interior, está-se fazendo uma Capital nova, sob o signo de revolucionária arquitetura, clara e ousada; enquanto, aqui, à beira do mar, de onde a sede do governo a bem dizer já se despede, ultima-se, a esta hora, a construção de um Museu de Arte Moderna. São fatos — válidos de avançado sentido, tanto mais que, nêles, o espaço o tempo se entendem, — e que, por certo, incorporastes às recordações de vossos estágio entre nós, lembranças estas que desejo e espero longas, agradáveis, estas.

Agora, no momento de dar-vos as boas-vindas, de regresso a tantos países irmãos e nações amigas, é com sinceros votos que — e permitte-me a nota de sincristismo jovial, acertada ao tema e à ocasião, e em favor da qual invocarei, por exemplo, a menção de Santa Maria sopra Minerva... — abrindo à felicidade pessoal e profissional de cada um de vós, cristamente, em Apolo".

TAPEÇARIAS MODERNAS

No Museu das Artes Decorativas em Paris está sendo organizada uma Exposição "Tapisserie 1958", que o professor Henri Malvaux apresentará, na "Maison de France", quinta-feira 2 de outubro, às 18 horas, com material ilustrativo cuja qualidade já conhecemos os que assistiram à projeção dos filmes e diapositivos sobre "O Vitrail Francês".

CONSELHO DELIBERATIVO DO MAM

Em cerimônia que deverá ser realizada hoje às 11 horas na sede do Museu de Arte Moderna do Rio, deverão tomar posse os componentes do Conselho Deliberativo, eleitos pela Assembleia de Delegados (de acordo com os Estatutos) no dia 26 do corrente.

ARTES CINÉTICAS

Hoje, às 18 horas, no Museu de Arte Moderna do Rio, o professor Carleton Sprague Smith pronunciará, em português, uma palestra sobre uma nova iniciativa do Lincoln Center: Artes Cinéticas.

SALÃO ORIGINAL: LONG-PLAYINGS

Reuniram várias firmas de discos em torno da "Radiolândia" e organizaram o I Salão Nacional de Capas de Long-Playings. Inauguração com "rockabilis" e certamente muita música, como de há outro, hoje às 17 horas, no 9.º andar da A.B.I. Fiel ao nosso espírito de estímulo à boa forma em todos os setores, lá estaremos para aplaudir as belas e tão raras capas.

ALOÍSIO MAGALHÃES (último dia)

Encerra-se hoje, impreterivelmente, a exposição individual do pintor pernambucano Aloísio Magalhães, na sala do terraço do Museu de Arte Moderna do Rio. Na referida sala será montada a exposição de arte decorativa finlandesa, cuja inauguração será realizada no próximo dia 9, às 18 horas.

ARTE POPULAR

O Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas-Artes convidou para a Exposição de Arte Popular de 1.ª a 13 do corrente na sede da referida Escola.

O primeiro trata com humor, a partir do ponto de vista do jornalista, as tensões e disputas existentes no seminário. O seu relato é pessoal, rico, dinâmico e exige atenção crítica. Por meio dele fica bastante claro que o seminário não foi um mar de tranquilidade; ao contrário, esteve atravessado por jogos de poder, tentativas de controle, competições, picuinhas e pugnas conceituais e ideológicas.

O segundo registra com sensível poética o momento em que o arquiteto Affonso Reidy, durante o seminário, fala para todos os participantes, com detalhes, sobre os partidos arquitetônico e urbanístico adotados no projeto do Museu de Arte Moderna. Não se trata de uma entrevista, mas de um registro jornalístico, que mantém em relação ao arquiteto um tom de reverência. O texto constitui um excelente material para estudos e debates sobre arquitetura e museus.

O terceiro cuida de apresentar, logo após o encerramento do seminário, algumas conclusões provisórias. Não há dúvidas sobre a importância do relatório final do seminário de 1958, publicado em 1960; mas a descoberta de uma matéria jornalística, que apresenta as conclusões provisórias do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus um dia depois do seu encerramento, contribui para a reposição histórica do referido relatório final. Além disso, outra descoberta extraordinária, parte da coluna Itinerário das Artes Plásticas publicada no dia 1º de outubro de 1958, é o registro do improvisado que Guimarães Rosa – na condição de embaixador e chefe do Departamento Político e Cultural do Ministério das Relações Exteriores – fez, ao saudar, durante almoço oferecido no Itamaraty, os dirigentes e participantes do seminário.

Oxalá esses três registros jornalísticos sirvam de pistas para outras fontes e, articulados com outras fontes e outras referências, contribuam para a produção de novos conhecimentos sobre e para o campo museal.

Aqui estamos diante de um campo novo de pesquisa: a relação, ao longo do tempo, dos museus com a imprensa. Neste breve ensaio, por motivos estratégicos, estamos concentrados no ano de 1958, no periódico *Correio da Manhã*, que, durante sua existência (1901-1974) manteve uma posição independente e crítica. Pensamos que está evidenciada a importância de se investigarem as relações entre os museus e a imprensa em outros periódicos, mas, em todo e qualquer caso, é importante levar em conta as posições políticas, os interesses econômicos envolvidos e as âncoras ideológicas em que eles se sustentam. Se, por um lado, é fundamental para a saúde democrática defender a liberdade

de imprensa, e por outro, o direito à opinião divergente, é indispensável reconhecer que nenhuma imprensa é neutra. Ou seja, toda e qualquer manifestação na imprensa, especialmente nas atuais redes sociais, está acompanhada de interesses políticos, ideológicos, religiosos, econômicos. Não existe neutralidade política. A hipótese da neutralidade é, em si mesma, política. Síntese: no Brasil contemporâneo é cada vez mais urgente defender a liberdade de imprensa e reconhecer o caráter político e ideológico de toda e qualquer imprensa.

VI

O seminário de 1958 chamou para si a tarefa de discutir e buscar definir alguns conceitos: museologia, museu, museografia, grandes museus, pequenos museus, museus médios e arquitetura de museus; além de sinalizar a favor do diálogo com termos técnicos, tais como: iluminação, clima exterior, segurança contra roubo, segurança contra incêndio, conflitos armados e outros temas.

Essa tarefa se parece com a maldição de Sísifo, qual seja: a de levar para o topo da montanha, sistematicamente, a mesma pedra que há de retornar, sistematicamente, para a mesma base. Para avançar é necessário admitir que a maldição de Sísifo não se aplica inteiramente ao campo dos museus e da museologia, o que equivale a dizer que Sísifo não nos representa. Em outros termos: existiria no campo dos museus e da museologia avanços sistemáticos, por menores que sejam, e eles não cabem nas definições formais e oficiais.

Examinar os conceitos trabalhados em 1958 e colocá-los em movimento na atualidade, buscando perceber o quanto se avançou e o quanto se continua enredado em problemas diagnosticados naquele ano que não deveria acabar, não é tarefa difícil nem fácil; trata-se apenas de tarefa necessária. O presente artigo tem o objetivo singelo de mapear e fornecer pistas para futuras possibilidades de pesquisa.

VII

A epígrafe de Edgard Roquette-Pinto⁶² que abre este artigo quer indicar que o tema “museu e educação” não constituía novidade para o panorama museal brasileiro no ano de 1958, ainda que o seminário a que se dedica esta publicação tenha contribuído de modo decisivo para a consolidação do tema.

Edgard Roquette-Pinto, Bertha Lutz, Anísio Teixeira, Heloísa Alberto Torres, Gilberto Freyre, Abdias do Nascimento, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Darcy Ribeiro, Nise da Silveira e muitos outros intelectuais brasileiros, desde

os anos 1930, compreendiam e assinalavam a importância de se aprofundarem as relações entre museu e educação. É curioso observar como esse conjunto expressivo de intelectuais não têm recebido a merecida atenção dos profissionais da museologia.

Nesse quadro, é importante ter em conta que em 1926 foi criado no Museu Nacional o primeiro serviço de educação em museus e que em 1958 havia um pequeno acúmulo de publicações, práticas e experiências sobre esse tema. Não é de se estranhar, portanto, que o Ceca Brasil seja na atualidade um comitê de referência internacional.

VIII

Em 2018 o campo museal brasileiro comemorou os 60 anos do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus. Merece atenção o fato de o Ibram ter indicado para a XII Primavera dos Museus, em 2018, o tema “Celebrando a educação em museus”.

O Museu Histórico Nacional e o Museu da República, em parceria com o Museu de Arte Moderna, a Fundação Casa de Rui Barbosa, o Museu do Índio, o Museu Imperial, o Museu Palácio Rio Negro e o Museu das Remoções, organizaram, em parceria, dois seminários comemorativos distintos e complementares: o primeiro, realizado no período de 18 a 21 de setembro de 2018, foi itinerante e disruptivo;⁶³ o segundo, realizado no período de 9 a 11 de outubro de 2018, ocorreu no Museu Histórico Nacional.⁶⁴ A ideia era, ainda que em escala reduzida em termos temporais, mas ampliada em termos de radicalidades museais, atualizar debates e contribuir para novas reflexões e pesquisas no campo da educação museal ou da função educacional dos museus.

Entre os objetivos dos seminários de 2018 estavam em pauta a construção de novos enfoques museológicos, museográficos, comunicacionais e educacionais para os museus. Tratava-se, a rigor, de construir novas perspectivas poéticas e políticas, livres da dependência tecnológica das redes sociais contemporâneas. O novo nunca está na tecnologia, mas na capacidade de dar para ela um sentido humano, social e criativo. As tecnologias podem ser utilizadas para o controle, para a conformação, para a destruição e para o ódio, mas também podem ser utilizadas para a libertação, para a transformação, para a criação e para o amor.

Os desafios, problemas, análises, dúvidas, convergências e divergências, os questionamentos radicais e as projeções para o futuro (para +60) estiveram presentes nos seminários de 2018.

IX

O que há de novo? Entre 1958 e 2018 muitas coisas aconteceram, muitas inovações no campo dos museus, da conservação preventiva, da expografia, da educação museal, da gestão de riscos, da elaboração de planos museológicos e das políticas públicas de museus foram produzidas e implementadas. O que há de novo? A construção do Instituto Brasileiro de Museus, o Cadastro Nacional de Museus, o Sistema Brasileiro de Museus, o programa editorial do Ibram, a Política Nacional de Educação Museal, o Programa Nacional dos Pontos de Memória, a perspectiva da Museologia Social, os mais de quinze cursos de graduação em Museologia, os quatro programas de mestrado em Museologia, sendo um com habilitação em doutorado, os quatro Cursos de Estudos Avançados de Museologia com acesso ao doutoramento na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), as Redes de Educação Museal e de Museologia Social, entre outras tantas iniciativas, constituem evidentes novidades. Somam-se a essas iniciativas a criação de museus comunitários, museus indígenas, museus quilombolas, museus em favela e outras tantas experiências museais. Eis aí uma novidade: pensar e praticar o museu como ferramenta de luta, assim como espaço de encontro, de relação, de disputa e litígio. Os museus, na perspectiva da Museologia Social, são o território do “e”, e não do “é”. Eis aí o novo.

Notas

¹ Publicado no Relatório Anual do Museu Nacional (RAMN), de 1956.

² Editora Record, 1998.

³ Ver sinopse em: http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=16099. Ver também: VERSINANI, Maria Helena (org.). *Cronologia da República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2002.

⁴ O Bloco Exposições seria inaugurado em 1963 e o Bloco Teatro, em 2006.

⁵ Além de diretor do Conselho Internacional de Museus (Icom), criador e diretor do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares de Paris, diretor do seminário de 1958 e autor do relatório final de 1960, Georges Henri Rivière foi um dos museólogos e museógrafos mais importantes da França no século XX. Participou da criação do Museu do Homem em Paris, realizou centenas de exposições, ministrou cursos e foi, juntamente com Hugues de Varine, um dos criadores do conceito de *ecomuseu*.

⁶ Jornalista e empresária brasileira, uma das fundadoras do Museu de Arte Moderna e sua diretora por dez anos. Foi ainda presidente do *Correio da Manhã* de 1963 a 1969, data em que teve seus direitos políticos cassados pela ditadura militar, além de ser presa e processada.

⁷ Arquiteto brasileiro, um dos pioneiros do urbanismo e da arquitetura moderna.

⁸ Vale observar a construção discursiva que quer elevar o projeto do MAM à categoria de “obra-prima” no ano mesmo em que foi inaugurado.

⁹ O relatório final, de autoria de Georges Henri Rivière, foi publicado em 1960 em espanhol, francês e inglês. Em português, pela primeira vez na íntegra, o referido relatório é publicado nesta edição (ver p. 139).

¹⁰ Durante a fase de preparação do seminário foram disponibilizados para os participantes pelo menos nove documentos bibliográficos, todos publicados entre 1952 e 1957. Ver relatório final (p. 138).

¹¹ Para mais informações, ver o texto “Educação em museus: um mosaico da produção brasileira em 1958”, de autoria de Ana Carolina Gelmini de Faria, publicado na revista *Museion* em 2014 (p. 54).

¹² Educador, pesquisador e museólogo formado no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional. O livro *Recursos educativos dos museus brasileiros*, referência importante para os estudos de Museologia e museus no Brasil, foi publicado no Rio de Janeiro, pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1958.

¹³ Museólogo e numismata brasileiro, formado pelo Curso de Museus do MHN, autor de livros importantes para os estudos de museus e Museologia no Brasil. O livro *Museu e educação* foi publicado no Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1958.

¹⁴ Museóloga formada pelo Curso de Museus do MHN. Teve importante atuação no Museu Nacional de Belas Artes, no Museu Casa de Rui Barbosa, no Museu Carlos Costa Pinto, na criação da Organização Nacional do ICOM e em outras associações. O opúsculo *Museu ideal*, foi publicado em Belo Horizonte, pela Tipografia da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1958.

¹⁵ Ver relatório final (p. 140).

¹⁶ Historiador da arte, intelectual e pesquisador holandês.

¹⁷ Poeta e educadora cubana, autora de diversos livros, pioneira nas questões de *design* e educação para crianças com deficiência.

¹⁸ Político, jurista, magistrado brasileiro, autor de diversos livros de direito.

¹⁹ Antropóloga brasileira, foi a primeira mulher a ingressar como professora na Divisão de Antropologia do Museu Nacional e a dirigir esse mesmo museu.

²⁰ Editora da revista *Museum*, da Unesco, desde a sua fundação, em 1948, até 1972.

²¹ Especialista em museus e patrimônio. Estadunidense de ascendência japonesa, nascido no Havaí, com atuação de destaque na Unesco no período de 1954 a 1980.

²² Ver nota 14.

²³ Ver nota 5.

²⁴ Diretor do Museu de Ciências Naturais, em Caracas, considerado o pai da arqueologia científica venezuelana. Escreveu e publicou centenas de artigos.

²⁵ Exponente da museologia mexicana e do Museu Nacional de Antropologia do México, intelectual chave nas mudanças da museologia contemporânea.

²⁶ Ver nota 16.

²⁷ Subdiretora honorária do Ibecc.

²⁸ Na época do seminário de 1958, Niomar era casada com Paulo Bittencourt, o dono do jornal *Correio da Manhã*, e também era conhecida como Niomar Muniz Sodré Bittencourt.

²⁹ Museóloga e primeira diretora do Museu de Arte Moderna de São Francisco (EUA), cargo que ocupou por vinte e três anos, a partir de 1935.

³⁰ Museóloga formada no Curso de Museus do MHN. Trabalhou no Museu Nacional de Belas Artes e no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Teve papel de destaque na criação da Organização Nacional do Conselho Internacional de Museus.

³¹ Ver nota 11.

³² Participante da cena museal na década de 1950.

³³ Museólogo e pesquisador, formado no Curso de Museus do MHN.

-
- ³⁴ Professor, político, historiador da arte, autor de livros e artigos. Foi diretor geral do MAM na década de 1950.
- ³⁵ Ver nota 9.
- ³⁶ Formado em 1940 pela Faculdade Nacional de Medicina, foi pesquisador do MN e, posteriormente, seu diretor.
- ³⁷ Arqueólogo e etnólogo alemão. Realizou pesquisas na Amazônia brasileira através do MPEG entre 1948 e 1961.
- ³⁸ Conservadora do MNBA, formada pelo Curso de Museus. A palavra conservadora corresponde ao que hoje se denomina museóloga.
- ³⁹ Conservador do MHN e carnavalesco, formado pelo Curso de Museus.
- ⁴⁰ Formada pelo Curso de Museus e, posteriormente, sua coordenadora.
- ⁴¹ Formada pelo Curso de Museus e, posteriormente, professora da Escola de Belas Artes da UFRJ.
- ⁴² Formada pelo Curso de Museus e, posteriormente, sua professora.
- ⁴³ Formada pelo Curso de Museus e, posteriormente, sua professora.
- ⁴⁴ Representante do Museu Paranaense, em Curitiba. Posteriormente, formada pelo Curso de Museus.
- ⁴⁵ Profissional do MAM.
- ⁴⁶ Naturalista do MN e, posteriormente, seu diretor.
- ⁴⁷ Profissional do MN e professor do Curso de Museus.
- ⁴⁸ Conservadora do MNBA, formada pelo Curso de Museus.
- ⁴⁹ Formada pelo Curso de Museus e, posteriormente, sua professora.
- ⁵⁰ Formada pelo Curso de Museus e, posteriormente, sua professora, além de conservadora do MHN.
- ⁵¹ Zoólogo do MN.
- ⁵² Conservador do Museu Imperial, formado pelo Curso de Museus.
- ⁵³ Representante do Museu Paranaense, em Curitiba (PR).
- ⁵⁴ Formado pelo Curso de Museus. Participou da criação do Museu do Índio e atuou no MN.
- ⁵⁵ Conservadora do MHN, formada pelo Curso de Museus.
- ⁵⁶ Formada pelo Curso de Museus; posteriormente, foi sua professora e atuou na Biblioteca do MHN.
- ⁵⁷ Conservadora do MNBA, formada pelo Curso de Museus.
- ⁵⁸ Representante da direção do Sphan, formado pelo Curso de Museus.
- ⁵⁹ Ver nota 13.
- ⁶⁰ Diretora do Museu da Cidade do Rio de Janeiro.
- ⁶¹ Ver relatório final (p. 146).
- ⁶² Médico, professor, escritor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, educador e diretor do Museu Nacional.
- ⁶³ Ver programação do Seminário. Disponível no site do Museu da República: <http://museudarepublica.museus.gov.br/agenda-principal/inscricoes-abertas-para-o-seminario-a-funcao-educacional-dos-museus-60-anos-depois/>
- ⁶⁴ Ver programação do Seminário. Disponível no site do Museu Histórico Nacional. Disponível em: www.mhn.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/08/Seminario_Internacional_MHN_Programacao2018.pdf18.pdf